

Resenha

Resenha de HUGHES, Langston. O Negro declara e outros poemas. Tradução Léo Gonçalves. São Paulo: Pinard, 2022

Review of HUGHES, Langston. O Negro declara e outros poemas.
Translated by Léo Gonçalves. São Paulo: Pinard, 2022

Ricardo Silva Ramos de Souza¹ 

¹Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, Brasil

RESUMO

Publicado em 2022, "O negro declara e outros poemas" é a primeira antologia de poesia de Langston Hughes editada no Brasil. A resenha crítica faz breves apontamentos sobre suas principais características presentes em alguns dos seus poemas, como a relação temática e estético-formal com os estilos musicais negros, a denúncia do racismo e a valorização da identidade negra.

Palavras-chave: Langston Hughes; Literatura afro-americana; Antirracismo; Diáspora negra

ABSTRACT

Published in 2022, "O negro declara e outros poemas" is the first anthology of Langston Hughes' poetry published in Brazil. The critical review makes brief notes on the main characteristics present in some of his poems, such as the thematic and aesthetic-formal relationship with black musical styles, the denunciation of racism and the valorization of black identity.

Keywords: Langston Hughes; African American Literature; Antiracism; Black Diaspora

Há uma dívida do mercado editorial brasileiro com diferentes movimentos culturais negros da diáspora africana. Pela relevância e alcance transnacional de seus partícipes em sua época, influenciando inclusive o movimento Négritude, na Paris dos anos 1930, a Harlem Renaissance, criada durante a década de 1920 no Harlem, bairro negro de Nova York, sofreu um enorme silêncio de obras traduzidas para o português de seus principais autores/as, casos de, entre outros, Zora Neale Hurston, Claude McKay, Jessie Fauset e Nella Larsen, que ficaram inéditos no Brasil durante muitos anos. Não foi diferente com a obra poética do maior expoente da literatura nesse movimento: Langston Hughes. Silêncio ainda mais intrigante em relação a sua obra literária, pois em um passado distante houve interesse e celeridade para lançar *The Big Sea* (1940) em 1944 com o título *O Imenso Mar - Autobiografia de Langston Hughes*, e a biografia *Famous American Negroes*, de 1954, em 1957.

Em 2022, a Editora Pinard lançou, graças a uma campanha de financiamento coletivo apoiada por 513 pessoas, a primeira antologia de poesia de Langston Hughes em nosso país, com o título *O negro declara e outros poemas*, edição bilíngue inglês-português organizada por Léo Gonçalves, também responsável pela apresentação, notas explicativas e tradução de oitenta poemas distribuídos em seis seções. A publicação contém prefácio e revisão crítica dos poemas realizada pelo poeta e multiartista Ricardo Aleixo, além de dois ensaios de intelectuais da Harlem Renaissance traduzidos por Davi Boaventura: “O negro na literatura norte-americana”, de William Stanley Braithwaite, e “A juventude negra fala”, de Alain Locke.

Entretanto, há uma falha na edição do livro ao não referenciar esses ensaios, o que poderia ter sido feito na apresentação do organizador. “The Negro in American literature” e “Negro youth speaks” foram publicados na antologia *The New Negro*, a mais celebrada obra da Harlem Renaissance, organizada por Alain Locke em 1925. Locke (1885-1954) era professor de filosofia, escritor e foi um dos grandes intelectuais do movimento, enquanto Braithwaite (1878-1962) foi escritor, crítico literário e editor.

Essas são informações relevantes para leitores/as não especializados na obra de Langston Hughes e desse movimento cultural.

James Mercer Langston Hughes (1902-1967) foi poeta, contista, romancista, dramaturgo, criador de grupos teatrais, jornalista, tradutor, editor e compositor. Escritor negro, homossexual e socialista. Destacou-se como o maior poeta da Harlem Renaissance e tornou-se um dos mais celebrados da literatura norte-americana. Nasceu na cidade de Joplin, no Missouri, e faleceu em Nova York. Seu projeto literário baseia-se em suas experiências como negro em uma sociedade racista, das leis Jim Crow e dos linchamentos sistemáticos a negras e negros incentivados pela Ku Klux Klan nos estados do sul, reforçados principalmente após a Primeira Guerra Mundial. Sua juventude foi de errância, chegando a morar no México com seu pai; de lá, retornou de trem para Nova York. Muito jovem, decidiu embarcar em navios viajando para a África e a Europa, conhecendo diversos países e trabalhando em subempregos.

“O negro fala dos rios” (The negro speaks of river) foi o seu primeiro poema publicado em 1921 no prestigiado jornal negro *The Crisis*, editado por Jessie Fauset e criado por W. E. B. Du Bois. O estímulo de sua poesia alimenta-se da vivência de Langston Hughes. Esse caráter autobiográfico, porém, não prejudica o seu cuidado com a palavra, pois, se os assuntos o aproximam das pessoas negras simples, a maneira como trabalha a escrita e os recursos estilísticos valorizam a criação de imagens pungentes, baseadas na oralidade do *black english* e nos estilos musicais negros blues e jazz, com maior destaque, e nos *spirituals* e canções de lamento, as *sorrow songs*. Hughes consegue traduzir para sua poesia, de forma inovadora, as características desses estilos, aproveita-se dos ritmos e das cadências, inspira-se nas letras de música e nos registros orais dos *spirituals* para criar poemas simples e de densidade extrema, traduzindo os sentimentos de negras e negros nos Estados Unidos, na África e na sua diáspora. O poema “Combaido Blues/The Wheary Blues” é um ótimo exemplo da escrita inventiva e hibridizada de Hughes inspirada no blues:

O sono de um sonzinho sincopado,/ Batendo para dentro e para fora de um cantarolar maduro,/ Ouço um Negro tocar./ Na Avenida Lenox ontem à noite/ Na pálida palidez cansada de uma velha lamparina/ Fez um swing preguiçoso.../ Fez um swing preguiçoso.../ Na melodia desse Combaido Blues./ Com mãos de ébano em cada tecla de marfim/ O pianinho gemia sob sua melodia./ Oh Blues!/ Swingando feito louco em seu minúsculo banco/ Ele tocava aquela triste melodia como um palhaço do som./ Doce Blues!/ De dentro da alma de um Negro./ Oh Blues!/ A voz profunda em tom de melancolia/ Eu ouvi esse Negro cantar, esse piano gemer —/ “Não tenho ninguém nesse mundo,/ Não tenho ninguém não tenho nada,/ Vou parar de me preocupar/ E botar meus problemas de lado.” (Hughes, 2022, p. 129, grifo próprio)

O poema apresenta o sujeito lírico em uma cena na Avenida Lenox, a principal avenida do Harlem. É uma descrição simples, mas preocupada em transmitir o ritmo lento do blues e a melancolia tanto da canção como a da pessoa negra que a executa. Destaca-se no excerto do poema os últimos quatro versos em que está transcrito um trecho de uma letra de música, e fica nítida a voz do sujeito lírico e a voz do cantor, pois este traz uma rima baseada no esquema ABCB, porém que se perde na tradução, além de ser mais intenso o uso da oralidade do *black english*, “**Ain’t** got nobody in all this world,/ **Ain’t** got nobody but **ma** self./ **I’s** gwine to quit **ma** frownin’/ And put **ma** troubles on the shelf” (Hughes, 2022, p. 128, grifo nosso). Para o crítico literário Elio Ferreira (2017, p. 213), Langston Hughes é capaz de “diluir as fronteiras entre poesia e música negra”, principalmente entre o jazz e o blues, utilizando as seguintes características:

Os versos são simples, sonoros e musicais, marcados pela repetição de versos e palavras que lhe dão um caráter de letra de música, de canção popular da tradição oral de origem africana. Beleza, fluência rítmica e discurso de fácil assimilação forjam a pluralidade dos temas poetizados como melancolia, erotismo, obscenidade, nomadismo, infelicidade no amor, a partir da perspectiva autobiográfica do poeta (Souza, 2017, p. 213).

A inspiração de Hughes com o Harlem e o tempo de efervescência cultural da Renascença fez com que o poeta, andarilho da noite, ilustrasse o bairro com diferentes facetas, como na celeridade de “Avenida Lenox: Meia-noite/Lenox Avenue: Midnight”: “O ritmo da vida/ É um ritmo de jazz,/ Doçura. Os deuses estão rindo de nós.// O coração partido do amor,/ O enfiado coração da mágoa, —/ Notas altas,/ Notas baixas,/ Zoadas dos carros na rua,/ Cicio do chiado da chuva.// Avenida Lenox/ Doçura./ Meia-noite,/ E os deuses estão rindo de nós” (Hughes, 2022, p. 119).

Ou ainda no encanto da noite e do jazz, na sedução da dançarina evocando as performances de música, canto e dança na relação do Harlem com a África reconstruídos no cabaré. Nessa ambientação, segundo Ferreira (2017, p. 229), o jazz representa a “encruzilhada da cultura negra”, potencializado pelo movimento espiralar do refrão, da dança e do próprio cabaré no poema “Jazzonia”:

Oh árvore prateada!/ Oh rios brilhos da alma!// Num cabaré do Harlem/ Seis jazzeiros tocam./ Uma dançarina de olhar corajoso/ Ergue seu vestido em seda e ouro.// (...) Será que os olhos de Eva/ No jardim primeiro/ Tinham uma pontinha dessa coragem?/ Cleópatra será que ficava/ Tão gostosa num trapo de ouro?// Oh árvore prateada!/ Oh rios brilhos da alma!// Num rodopiante cabaré/ Seis jazzeiros tocam. (Hughes, 2022, p. 111)

O neologismo “jazzonia” revela a imaginação negra na diáspora, a reterritorialização libertária nos aspectos culturais, criando uma nova cultura baseada na ancestralidade africana em um lugar de negralização — o cabaré — estimulada pela performance do corpo na circularidade do “cabaré rodopiante”, pois nas culturas de roda as “ações performadas são repetidas, mas não exatamente como as vozes passadas, porque cada instante é especial e único, pois o tempo da performance é escorregadio, deslizante, movimenta-se em espiral” (Ferreira, 2017, p. 229). Nesse processo inebriante de toques dos jazzeiros, o sujeito lírico coloca na encruzilhada as figuras femininas ao confrontar a dançarina sedutora e de “olhar corajoso” em plena liberdade na dança com a imagem bíblica de Eva no jardim do Éden e ainda

resgata a rainha egípcia Cleópatra, reinformando a África como o lugar de origem da humanidade e o orgulho da mulher negra (Ferreira, 2017, p. 231-232).

A poesia de Hughes faz questão de mostrar o fascínio pela expansão do jazz no mundo, uma forma de celebrar a cultura negra norte-americana, quebrando fronteiras com as expressões de admiradores em francês, alemão e espanhol, e rompendo as barreiras de classe, raça e gênero em “Jazz band num cabaré parisiense/ Jazz band in a parisian cabaret”:

Toque aquela,/ Jazz band!/ Toque para os lordes e as madames/ Para os duques e os condes/ Para as putas e os gigolôs,/ Para os milionários americanos,/ E para os professores de escola/ Vamos fazer farra.// Toca/ Jazz band!/ Você sabe aquela música/ Que chora e ri ao mesmo tempo./ Você sabe.// Posso?/ Mais oui./ Mein gott! *Parece una rumba.*/ Toca aquela, jazz band! (...) (Hughes, 2022, p. 125, grifo próprio)

Seus poemas foram exaltados pela forma simples e direta como tratou da autoestima de negros e negras diante da violência desmedida da sociedade racista norte-americana. Valendo-se desse discurso, Hughes escreveu um dos mais belos poemas antirracistas já feitos, “Eu, também/ I, too”: “Eu, também, canto a América.// Eu sou o irmão mais preto. (...)// Amanhã,/ Quando chegarem as visitas/ Me sentarei à mesa./ Ninguém ousará/ então,/ me dizer,/ “Vá comer na cozinha”.// Sem contar que/ Verão como eu sou bonito/ E terão vergonha —// Eu, também, sou América.” (Hughes, 2022, p. 35, grifo próprio). Nesse poema, Hughes trabalha com questões investigadas por W. E. B. Du Bois a respeito dos problemas raciais nos Estados Unidos, quando detectou que o problema do século XX era o problema da linha de cor (Du Bois, 2021, p. 35). O regime segregacionista norte-americano e a recusa da população branca de aceitar negras e negros como pertencentes à nação trouxe para negras e negros o problema da dupla consciência, na qual negras e negros estariam sempre se perguntando “como é ser um problema?”. A leitura de Du Bois, em 1903, demonstrava o quanto aquele ideal de nação não poderia ser compartilhado com pessoas negras,

por isso a sua assertiva em forçar a necessidade de alinhar a condição racial negra à nacionalidade norte-americana. Daí, o brilhantismo de Hughes ao traduzir para uma linguagem popular o pensamento de Du Bois, o desejo de ser norte-americano, de ter equidade racial e de se orgulhar de ser negro.

Já os ideais de igualdade inspirados no socialismo o fez acrescentar à bandeira racial as pautas do regime da então União Soviética, país visitado por ele. O poema “Deixe a América ser América outra vez/ Let America be America again” retrata a ampliação temática e política de Hughes, denunciando as diferentes formas de opressão e exclusão na história norte-americana:

Eu sou o branco pobre, enganado e posto de lado,/ Eu sou o Negro portando as cicatrizes da escravidão./ Eu sou o indígena retirado de suas terras,/ Eu sou o imigrante agarrando a esperança que eu busco —/ E encontrando apenas o mesmo velho estúpido plano/ De cão que devora cão, de o de cima pisa no de baixo (...) (Hughes, 2022, p. 181).

Exalta-se a publicação da antologia *O negro declara e outros* poemas, de Langston Hughes, abrindo o caminho para outras obras literárias de sua autoria no mercado editorial brasileiro. Apesar de algumas falhas de revisão e traduções questionáveis como nos poemas “Negro” e “Noites do Harlem”, é louvável o empenho de Léo Gonçalves para traduzir o *black english* usado por Hughes e o desafio diante da complexidade da “música verbal” (Aleixo, 2022, p. 10) presente em seus poemas. Espera-se que a publicação dessa antologia estimule novas traduções de seus livros, como *The Weary Blues*, considerado um dos grandes livros de poesia norte-americana do século XX, assim como de outras autorias negras da Harlem Renaissance.

REFERÊNCIAS

- ALEIXO, Ricardo. Arte de dizer — “dizer o sobressalto”. In: HUGHES, Langston. **O Negro declara e outros poemas**. Tradução Léo Gonçalves. São Paulo: Pinard, 2022. p. 7-13.
- DU BOIS, W. E. B. **As almas do povo preto**. Tradução Alexandre Boide. São Paulo: Veneta, 2021.

HUGHES, Langston. **O Negro declara e outros poemas**. Tradução Léo Gonçalves. São Paulo: Pinard, 2022.

LOCKE, Alain (org.). **The New Negro: An Interpretation**. New York: Albert and Charles Boni, 1925.

SOUZA, Elio Ferreira de. **Poesia negra: Solano Trindade e Langston Hughes**. Curitiba: Appris, 2017.

Contribuição de Autoria

1 – Ricardo Silva Ramos de Souza

Doutorando em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Mestre em Relações Étnico-Raciais pelo Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ). Graduado em Letras: Português/Literaturas pela Universidade Estácio de Sá (RJ).

Universidade Federal de Juiz de Fora

<https://orcid.org/0000-0001-5895-6046> • risoateli@gmail.com

Contribuição: Escrita – Primeira Redação, Conceituação, Validação - Análise Formal – Investigação.

Conflito de Interesses

O autor declara não haver conflito de interesses.

Direitos Autorais

Os autores dos artigos publicados pela Lit&Aut/UFSM mantêm os direitos autorais de seus trabalhos.

Verificação de Plágio

A Lit&Aut/UFSM mantém a prática de submeter todos os documentos aprovados para publicação à verificação de plágio, utilizando ferramentas específicas, como por exemplo: Turnitin.

Editora-chefe

Rosani Ketzer Umbach

Como citar este artigo

SOUZA, R. S. R. de. Resenha de HUGHES, Langston. O Negro declara e outros poemas. Tradução Léo Gonçalves. São Paulo: Pinard, 2022. **Literatura e Autoritarismo**, n. 45, e90698, 2026. DOI: <https://doi.org/10.5902/1679849X90698>. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/90698>. Acesso em: xx/xx/xxxx.